

Pitum Keil do Amaral

MARIA KEIL



uma biografia acelerada
para uso na casa da achada



MARIA DA SILVA PIRES nasceu em Silves, a 9 de Agosto de 1914. Era a mais nova de quatro irmãos: dois rapazes, duas raparigas.

Seu pai era um pequeno industrial corticeiro, brincalhão e bondoso como o são muitos algarvios. Casou em segundas núpcias com uma senhora pertencente à burguesia local, provinciana e preconceituosa.

A infância ficaria marcada pela separação dos pais, e pela educação da madrastra, mais formal e austera que aquela a que o pai a habituara.

Na escola secundária revelou gosto pelo desenho e um professor – artista e atento – chamado Samora Barros, influenciou-a, a ela e também ao pai, para que seguisse a carreira das Artes.

A decisão – ousada para a época – da ida para o curso de pintura das Belas Artes, em Lisboa, foi facilitada pelo facto do irmão da madrastra ser militar e residir no quartel que existia, nessa época, dentro do castelo de S. Jorge.

Em 1930, com 16 anos, veio, pois, viver para a capital.

Deve ter sido, imagina-se facilmente, uma grande mudança.

Desse período ela tem recordado, por exemplo, a «música» que escutou nos primeiros dias – e que não era mais do que o ruído contínuo dos automóveis e eléctricos na baixa da cidade.

Do castelo para o convento de S. Francisco, no Chiado, onde as Belas Artes ainda hoje são ensinadas, era um salto, para uma rapariga de 16 anos que devia sentir-se livre de muitas restrições... até descobrir que o tio militar destacava um soldado para a seguir, todos os dias, naquele percurso a pé.

Quanto ao ambiente da escola, certamente



que também seria novo e estimulante. O número de alunos era pequeno; faziam-se amizades para a vida toda entre os colegas de pintura, escultura e arquitectura que partilhavam aquele casarão sombrio, e aturavam alguns «mestres» ainda muito arredados do espírito modernista que se vivia nas capitais estrangeiras.

Dos colegas, lembro-me de ouvir falar do escultor Rui Roque Gameiro, que morreu jovem; da pintora Estrela Faria, que ainda conheci. Quanto aos futuros arquitectos, viria a conhecer uma série deles, pois foi com um jovem deste curso que minha mãe se apaixonou e iria casar, entrando no meio artístico de Lisboa principalmente pelo convívio com os arquitectos.

Faria da Costa, Raul Tojal, Dario Vieira, Adelino Nunes, Paulo Cunha, foram alguns deles. O curso de meu pai tinha 6 alunos. O curso anterior tinha apenas um!

Quando o namoro se tornou sério, meu pai e o gráfico José Rocha, que viria a ser meu padrinho, montaram numa moto e foram ao Algarve fazer o pedido formal de casamento. Casaram em 1933. E foram viver para a Calçada do Grilo, em Xabregas, numa parte da moradia que tinha sido, imagine-se, a casa de praia de Alfredo Keil. Este residia na Avenida da Liberdade, mas ia «a banhos», no Verão, para a praia de Xabregas! Custa a crer!

Noutra parte da casa moravam minha avó, Guida Keil, e minha bisavó, Cleyde, viúva de Alfredo Keil e já muito idosa.

É fácil imaginar que uma jovem de 19 anos, desenraizada do Algarve, tenha sentido dificuldades para se adaptar à alta burguesia intelectual e artística lisboeta, onde agora se via inserida. Mas, com o apoio do marido, sobreviveu.

Mas a época era estimulante. As artes estavam numa profunda transformação e os jovens procuravam avidamente apanhar o comboio, já em movimento rápido no resto da Europa e nos Estados Unidos, nos trilhos das ideias e da estética.

O que se aprendia na Escola das Artes parecia não ter utilidade alguma.



Apesar do conservadorismo da vida portuguesa (a Constituição escrita por Salazar é, exactamente, de 1933) ainda se respiravam restos dos ideais republicanos, e as convulsões políticas da Europa não podiam deixar de se repercutir até nós: as de Espanha, aqui tão perto; da Alemanha de Hitler, da União Soviética.

Keil do Amaral trabalhara até essa época no atelier de Carlos Ramos, um arquiteto da 1.ª geração modernista em Portugal, que incentivava os seus discípulos a seguirem o caminho da contemporaneidade, sem desfalecimento.

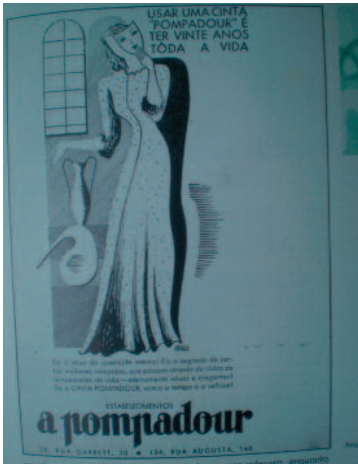
Começando a trabalhar por conta própria, criou o seu atelier em casa, e Maria Keil acompanhou-o nessa espécie de «cruzada». Ligaram-se a outros jovens artistas e desenvolveram uma intensa actividade, que passou por trabalhos de publicidade, decoração de interiores e, para Maria Keil, também a ilustração de livros, em que haveria de se distinguir ao longo da vida.

Um suíço - Fred Kradolfer - veio trazer para o nosso país uma lufada de ar fresco no que respeita à publicidade, que começava a ter clientela assegurada. José Rocha, de quem já falei, criou o primeiro gabinete especializado - o Estúdio Técnico de Publicidade - ETP - onde Maria Keil trabalhou. Outros nomes conhecidos, como Bernardo Marques, Estrela Faria, Paulo Ferreira, Tomás de Melo (Tom), até Carlos Botelho, embora mais velho, estiveram também ligados às artes gráficas, à ilustração e à publicidade - e ficaram amigos.

Por essa altura nasci eu, em 1935. Dizem que era muito feio, e o retrato que minha mãe me fez não desmente essa opinião...

Os anos que se seguiram foram de grande importância futura - meu pai ganhou o concurso público para o projecto do Pavilhão de Portugal na Exposição Internacional de Paris - um marco assinalável para um jovem de 26 anos, já com uma linguagem arquitectónica moderna, e em competição com colegas mais velhos e consagrados.

A equipa que tinha a incumbência de construir e decorar o Pavilhão seguiu para Paris,



onde permaneceria um ano, até 1937. Certamente que foi um período de grande e entusiástica aprendizagem e convívio.

Meus pais fizeram amizade com artistas mais velhos, como o escultor Canto da Maia, o pintor Carlos Botelho, o arquitecto Jorge Segurado.

Tiveram oportunidade de visitar a Holanda e a Alemanha, e absorver o que de mais actual se ia por lá fazendo.

Eu ficara em Lisboa, ao cuidado da minha avó, que me estragaria com mimo. Minha mãe sofria com a separação, e com o mau gosto com que minha avó me vestia, como é exemplo a foto que a fez chorar imenso e aqui está [projectada na sessão].

Destes traumas, nunca mais nos curámos. Seguiram-se anos pesados. As noticiais da Guerra Civil em Espanha, tão perto, agitavam as consciências e revoltavam os espíritos mais lúcidos, que anteviam o perigo das ditaduras. Meu pai esteve para partir para combater o franquismo, mas era já tarde demais.

Em 1939 começa a 2.^a Guerra Mundial.

Entre nós consolidava-se o regime salazarista, com a perseguição aos oposicionistas, as purgas dos intelectuais nas universidades e no funcionalismo público, a PIDE, e as prisões políticas.

A vida dos artistas tinha aspectos contraditórios. O Estado Novo criará o Secretariado de Propaganda Nacional, inspirado na versão alemã de Goebbels – que mais tarde, para evitar comparações, mudou o nome para Secretariado Nacional de Informação – SNI. À frente dele estava António Ferro, que não era inculco nem estúpido, e sabia aproveitar-se dos artistas, mesmo não afectos ao regime, quando isso lhe era conveniente.

Grandes eventos de propaganda nacionalista, como a Exposição do Mundo Português, em 1940, proporcionaram trabalho a muitos artistas – pessoas como quaisquer outras, que precisam de comer e pagar a renda da casa.

O SNI monopolizava as mais importantes exposições de arte que se faziam no país.

Um facto curioso, até: era o SNI, através de



parecer dos seus funcionários, que declarava que uma pessoa era «artista», para efeito do Bilhete de Identidade, ou de uma carteira profissional. Isto para pintores, escultores ou outros, que não tivessem diploma de nenhuma escola.

O pobre Carlos Botelho, pessoa honesta, amável e delicada, esteve durante anos na situação ingrata de emitir esses pareceres, com o que sofria bastante. Imaginam-se os casos que lhe passavam pelas mãos, e pela vista...

Maria Keil era pintora – sem o curso acabado, como se disse, mas também sem o aval do SNI.

Nessa altura pintou vários retratos, com êxito. Incluindo o seu auto-retrato. E também outros temas. Poderia ter seguido apenas esse caminho.

Mas a convivência com a arquitectura, que tinha em casa, todos os dias (mesmo aos fins-de-semana), permitiu-lhe observar como a participação dos artistas plásticos podia ser importante na valorização das obras construídas.

Falava-se muito, nessa época, na «integração das três artes», arquitectura, pintura e escultura. Lutava-se até, a nível corporativo, digamos assim, para que os novos edifícios públicos considerassem nos seus orçamentos uma verba de 1 por cento para pagar a artistas uma participação no «embelezamento» da obra.

E isso foi conseguido. Não sei se ainda prevalece em vigor. Vemos, então, Maria Keil dedicar-se à pintura de murais, como os do Cine-Teatro Monumental, em Lisboa, e experimentar a tapeçaria, cenários para bailado, o desenho de móveis, a calçada à portuguesa, a azulejaria.

Os artistas, os intelectuais, os críticos, costumam ser mauzinhos uns para os outros. Questões de sobrevivência, talvez.

Alguns classificaram Maria Keil como uma artista menor, que cultivava as «artes decorativas», e praticava formas menos «nobres», como sejam o desenho, a ilustração, a gravura.

Ora, na época em que isto se passava, houve entre nós um movimento de aproximação



dos artistas que viria a ter um significado importante e duradouro.

A guerra tinha acabado em 1945. As ditaduras europeias de Hitler e Mussolini foram derrotadas e execradas – e todas as esperanças se voltavam para os regimes democráticos e progressistas. Restavam os regimes, residuais, de Franco, em Espanha, e de Salazar, em Portugal.

Pareciam mesmo periclitantes, sob os ventos de mudança que sopravam por esse mundo fora. Os oposicionistas ganharam ânimo e esperança numa transformação próxima da situação política.

Surgiram movimentos semiclandestinos, como o MUD – Movimento de Unidade Democrática, que agrupava pessoas de diferentes ideologias políticas, de diferentes classes sociais, irmanadas por uma esperança na liberdade e, para breve, o advento de um regime democrático.

No meio artístico, estes movimentos tiveram eco sob a forma de um certame, um encontro anual: as Exposições Gerais de Artes Plásticas, realizadas na Sociedade Nacional de Belas Artes em Lisboa, cuja direcção (tal como a do Sindicato Nacional dos Arquitectos, que funcionava no mesmo edifício) havia sido «tomada de assalto» pelos «esquerdistas».

Estas exposições visavam, por um lado, libertar-se da tutela monopolista do SNI. Por outro, apresentar, sem censura prévia, as obras que os artistas, sobretudo os mais novos, não teriam forma de expor noutro lugar. Neste período, denominado do «neo-realismo», os problemas e as imagens reais, por vezes dramáticas, da sociedade do pós-guerra, eram temas dominantes, mas pouco estimados pelo regime fascista.

Por outro lado ainda, criavam-se contactos entre as profissões, no tal espírito da «integração das três artes», pois ali estavam presentes, em simultâneo, pintores, escultores e arquitectos.

Nem todos os objectivos foram alcançados. A censura, por exemplo, fez-se sentir, à boa maneira salazarista, quando a PIDE retirou, brutalmente, quadros das paredes por os



considerar «subversivos». (A Maria Keil, por exemplo, retiraram o « regresso à terra», por ser um enterro sem padre).

Mas, como porta de entrada no mundo das artes, foi nessas exposições que surgiram nomes como os de Júlio Pomar, Lima de Freitas, Sá Nogueira, Nikias Skapinakis, Ribeiro de Pavia, Cristiano Dourado, Charrua, João Abel Manta, e também do próprio Mário Dionísio, em «casa» de quem nos encontramos hoje.

Quanto ao convívio, à camaradagem, ao ambiente estimulante da montagem dessas exposições, posso testemunhar que foram momentos especiais, pois ainda tive a sorte de participar numa ou duas.

O grupo de artistas e intelectuais que se envolviam nestas actividades seria, talvez, restrito. Mas eram a «nata» (palavra horrível...) da cultura portuguesa da época. Que nomes de artistas, escritores, músicos do regime nos ficaram desse tempo? Lembram-se?

Meus pais relacionavam-se com pessoas que já eram notáveis então: como Aquilino Ribeiro, Irene Lisboa, Abel Manta, Canto da Maia – ou que se distinguiam em breve, como Bento de Jesus Caraça, José Rodrigues Miguéis, José Gomes Ferreira, Manuel Mendes, Fernando Lopes Graça, Carlos de Oliveira, e estou a esquecer-me de muitos...



Onde se conheceram, meus pais e Mário Dionísio? Através de amigos comuns? É provável. Talvez nestas andanças das Exposições Gerais de Artes Plásticas? Não sei.

As Exposições duraram dez anos. A última foi em 1956.

O regime de Salazar, entretanto, não cairá. Arrastava-se, sem grandes esperanças de mudança para os oposicionistas. As condições sociais e económicas do país foram-se alterando com o tempo. As reivindicações políticas abrandaram (e a PIDE tornou-se mais eficiente...).

Apenas em períodos eleitorais, embora de desfecho pré-definido, as oposições saíam do marasmo, aproveitando a fictícia liberdade de falar.

Vou dizer agora algo talvez controverso, mas a machadada final nas Exposições Gerais de

Artes Plásticas não veio do Governo, mas da criação da Fundação Calouste Gulbenkian e das condições materiais com que acenou aos artistas.

Politicamente independente (em princípio), nada obstava a que os artistas se aproximassem dessa «árvore das patacas», inesperadamente surgida entre nós, e que era uma óptima via de promoção.

As exposições, as bolsas de estudo da Gulbenkian, a sua projecção além fronteiras, enfim, mexeram com o meio artístico e intelectual português.

Foi mau? Foi bom? Sim, foi positivo no que respeita à qualidade, digamos, internacional, da produção. Fomos ficando, como se diz, «tão bons ou melhores que os similares estrangeiros».

Apetece-me fazer uma analogia: o maestro Fernando Lopes Graça compôs, para o grupo coral da Academia dos Amadores de Música – os «canários» – uma série de canções que ficaram conhecidas como as «heróicas», em que as letras e a música contribuíam para um determinado fim: um entusiasmo militante e esclarecido, num dado contexto social.

As artes e a literatura dessa época estavam também nessa «onda», com maior ou menor qualidade e êxito.

Mas a onda acalmou, o mar ficou chão, continuou a haver bonitos pores do sol, e alguns efeitos mais ou menos espectaculares de temporal, volta e meia. Mas nada de muito estimulante nos agitou, até à Guerra Colonial, que conduziria ao 25 de Abril de 1974 e, finalmente, à democracia. Meu pai faleceu em 1975.

Maria Keil ilustrou livros de vários autores. Alguns já pertenciam ao círculo dos seus amigos. Outros não o eram ainda, mas passaram a sê-lo. Esta relação estreita terá sido importante para que compreendesse e interpretasse melhor o espírito das obras que ilustrava.

Primeiro as de Irene Lisboa, Miguéis e, mais adiante, uma série de livros infantis em que colaborou, com as suas imagens, na «visualização» dos personagens ou ambientes de





Aquilino Ribeiro, de Maria Cecília Correia e, em especial, de Matilde Rosa Araújo – grandes amizades suas. E muitos outros.

Escreveu e ilustrou também alguns livros exclusivamente seus, como o *Pau-de-Fileira*, *Os Presentes*, *Arvores de Domingo*, etc.

O último (até agora) chama-se *Anjos do Mal*, e retrata uma divertida família de diabos. E de 2002. Aos 84 anos...

Pessoalmente, gosto muito das ilustrações dos *Contos Tradicionais Portugueses*, editados por José Gomes Ferreira e Carlos de Oliveira.

Com Mário Dionísio, Maria Keil colaborou também, na apresentação da sua grande obra *A Paleta e o Mundo*, mas apenas com a capa e a paginação.

Na década de cinquenta surgiu-lhe uma encomenda invulgar: embelezar com um mínimo de despesa as 19 estações do Metroropolitano de Lisboa, que se construíram entre 1957 e 1972. Usou para isso azulejos-padrão, dando continuidade a uma tradição secular portuguesa, que assim ganhou nova visibilidade e dinâmica.

A última estação do Metro que tem azulejos seus – S. Sebastião – foi aberta há menos de dez anos, quando Maria Keil teria uns oitenta e seis...

O seu nome ficará ligado à história do azulejo português – material inteligente e alegre de revestimento decorativo, económico, com múltiplas possibilidades – que trabalhou «com as mãos na massa», na fábrica.

(Desenhar um cartão, por muito «artístico» que seja, e mandá-lo «passar a azulejo» por alguém, é uma outra coisa...)

Ainda não lhe falta imaginação, e soube usá-la para fazer coisas que, até hoje – vai fazer 97 anos – estão ao seu alcance, apesar das limitações físicas da idade.

Há alguns anos, inspirada pela roupa a secar que via nos estendais dos vizinhos da sua casa no Bairro Alto, pintou primeiro um quadro a óleo. Mais tarde, com uma pequena máquina, fez fotografias e criou, a partir delas, imagens originais – de que podem ver alguns exemplos na exposição-relâmpago, montada para vós aqui na Casa da Achada.

Mário Dionísio e Maria Letícia dedicaram grande parte da sua vida ao ensino – actividade desgastante, absorvente, e muito pouco acarinhada na época. (Sê-lo-á melhor, hoje?) Além disso, Mário Dionísio escrevia, e pintava, com invulgar tenacidade, produzindo uma extensa obra, que aqui podemos hoje admirar e usufruir.

Também Maria Keil e Francisco Keil do Amaral trabalhavam num ritmo intenso.

Eram amigos.

Sinto que estas amizades, mesmo quando não traduzidas por uma grande intimidade, são uma espécie de «reserva», que nos ajuda e fortalece.

Saber que há pessoas que comungam dos mesmos ideais; que pensam da mesma maneira em relação às coisas importantes da vida; que podemos contar com a sua solidariedade e apoio, se tal for necessário, nos momentos adversos – é um factor de estabilidade e segurança indispensável.

Às vezes penso: mas, afinal, estes amigos viam-se pouco, os afazeres profissionais faziam-nos andar por caminhos diferentes, encontravam-se fuzadamente numa conferência, numa exposição, num debate político... Não importa, havia um elo de ligação, uma cumplicidade intelectual que os aproximava. E isso era bom.

Continua a ser bom hoje.

No Verão, as famílias iam de férias para locais próximos. Então encontravam-se mais e, naquele ambiente descontraído, sem horários, sem pressas, conversavam, comiam, trocavam ideias e projectos ou, simplesmente, divertiam-se, vendo os filhos a brincar.

(Os filhos pensavam que não estavam a brincar, mas a fazer coisas sérias...).

Aqui têm, por exemplo, a Eduarda Dionísio, vestida de pastora [foto projectada na sessão], em nossa casa, perto da Praia das Maças, a recitar, num francês muito perfeito:

«Il était une bergère, qui gardait son mouton. Et ron et ron, petit patapon».

Não sei o que dizer mais.

Muito obrigado pela vossa atenção.



*ficha*3

Este texto, separata da Ficha 3, foi lido pelo Autor
na Casa da Achada - Centro Mário Dionísio, no dia 18 de Junho de 2011